

# DO HAITI A SÃO MIGUEL DO OESTE: REFLEXÕES SOBRE O TRAJETO, CHEGADA E INSERÇÃO LOCAL DE HAITIANOS

*From Haiti to São Miguel do Oeste: reflections on the path, arrival and local insertion of haitians*

Ana Paula Risson<sup>1</sup>  
Aline Bogoni Costa<sup>2</sup>  
Sandro Rodrigo Steffens<sup>3</sup>  
Ângela Maria Bavaresco<sup>4</sup>  
Ana Luiza Toaldo Nardi<sup>5</sup>  
Bruna Lunardi Belegante<sup>6</sup>

## RESUMO

As migrações são compreendidas como fenômenos que acompanham a história da humanidade. Diante do cenário atual das migrações no Brasil, este estudo teve como objetivo analisar, a partir de histórias de vida, o trajeto, a chegada e a inserção local de haitianos residentes em São Miguel do Oeste (SC). A pesquisa contou com a participação de três haitianos residentes nesta cidade. A metodologia escolhida foi a história de vida e os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Como resultados identificamos que os haitianos chegaram a São Miguel do Oeste pela contratação de imigrantes realizadas pelas empresas locais em Brasileira ou pela rede de contato entre os haitianos. A inserção local dos imigrantes haitianos é composta por experiências positivas e negativas, a qual ainda está em processo de construção. Palavras-chaves: Imigração internacional. Haitianos. História de vida. Trajeto. Inserção social.

## Abstract

*Migrations are understood as phenomena that accompany the history of humanity. In view of the current scenario of migrations in Brazil, this study aimed to analyze, from life histories, the route, arrival and local insertion of Haitians residing in São Miguel do Oeste (SC). The research was attended by three Haitians living in this city. The methodology chosen was the life history and the data were analyzed from the content analysis. As a result, we identified that Haitians arrived in São Miguel do Oeste by hiring immigrants from local companies in Brazil or by the contact network among Haitians. The local insertion of Haitian immigrants is composed of positive and negative experiences, which are still in the process of being built.*

*Key words: International immigration. Haitians. Life's history. Path. Social insertion.*

Recebido em 1 de novembro de 2018

Aceito em 8 de junho de 2020

<sup>1</sup> Mestra em Ciências da Saúde; pós-graduada em Gestão de Pessoas; Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste; annarisson@gmail.com

<sup>2</sup> Docente e pesquisadora do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Pesquisadora no Laboratório de Psicologia Positiva nas Organizações e no Trabalho -LAPPOT/UFSC. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; aline\_bogoni@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestre em Desenvolvimento, Organizações e Cidadania pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; Docente do Curso de Psicologia e Coordenador da Clínica de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, campus de São Miguel do Oeste; sandro.steffens@unoesc.edu.br

<sup>4</sup> Mestre em Ciências da Saúde Humana pela Universidade do Contestado; Docente do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; ambavaresco@hotmail.com

<sup>5</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; ana.nardi@hotmail.com

<sup>6</sup> Graduanda em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; bruna\_lunardi25@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Fluxos migratórios são compreendidos como fenômenos que acompanham o percurso histórico da humanidade. O contexto do país de origem e a motivação pela busca de melhores condições de vida forçam indivíduos e grupos ao deslocamento. A vulnerabilidade no país de origem, em especial, é uma característica propulsora para a emigração de uma população, enquanto estratégia que objetiva garantir a sobrevivência em locais pretensamente mais seguros e recuperar sua condição de vida perdida nessas situações (SAYAD, 1998; RAMOS, 2011).

Em relação à população haitiana, a atenção deste trabalho, a mesma possui uma história marcada por escravidão, disputas de poder, governos ditadores, golpes militares e bloqueios econômicos. Somam-se a este contexto histórico, catástrofes ambientais que atingiram diversas regiões do país, acarretando em mortes e intensificação da precariedade de vida. A soma destes acontecimentos trouxe graves consequências à população e em toda a estrutura social e governamental. A emigração deste cenário é uma possibilidade de fuga de uma condição de pobreza e busca por melhoria da vida – do imigrante haitiano e daqueles que permanecem no país, necessitados das remessas de dinheiro. Entretanto, mesmo com este contexto, a imigração de haitianos para diversos países do mundo acontece desde muito antes do terremoto de 2010. É cultural que as pessoas e famílias haitianas se organizem em torno da imigração. (FERNANDES; CASTRO, 2014; LOUIDOR, 2013; HANDERSEN, 2015).

O Brasil ingressou na rota de países destino dos imigrantes neste século, especialmente a partir de 2010. As justificativas para este significativo aumento de imigrantes – não somente de haitianos, mas de diversas nacionalidades – pode estar relacionado ao crescimento econômico do Brasil até 2013, à realização de grandes eventos, tais como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, à consolidação do país no mercado internacional e, conseqüentemente, a sua maior visibilidade global (COGO; SOUZA, 2013).

A região do oeste de Santa Catarina integra esse novo fluxo migratório, sendo possível constatar que, em diversas cidades, estão residindo “novos cidadãos”, especialmente haitianos. A principal cidade no Oeste Catarinense que se tornou receptora de haitianos é Chapecó, onde, no auge no fluxo migratório, em 2015, residiam aproximadamente 3000 imigrantes haitianos (RISSON, 2016). A cidade de São Miguel do Oeste, localizada no Extremo Oeste catarinense, distante cerca de 120 km de Chapecó e a 30 km da Argentina, integrou este fenômeno por conta da contratação de imigrantes por empresas locais, pela rede de contato entre os haitianos e por ser uma cidade em franco desenvolvimento na região, com indústrias consolidadas e postos de trabalho disponíveis.

Zeni e Filippim (2014, p. 25) consideram ser “emergencial formular e implementar uma política pública social dos migrantes que chegam no Brasil, particularmente daqueles que precisam ser acolhidos por razões humanitárias como é o caso dos haitianos”. Portanto, independente da nacionalidade dos imigrantes e do destino, as migrações internacionais impõem desafios tanto aos países de origem, quanto para os países receptores.

Conhecer o fenômeno é imprescindível, especialmente para criar estratégias de intervenção quando necessário. No que tange aos locais receptores, os desafios estão nas iniciativas de reorganização interna, política e social, na tentativa de responder às necessidades e às expectativas das populações migrantes e sua integração à população local, entre outras (TOPA; NEVES; NOGUEIRA, 2013).

A migração – e nisso está incluso a saída do país de origem, o trajeto, a chegada no país de destino, a inserção social e no trabalho, as descobertas, dificuldades, dentre outros – é um destes elementos que constituem sujeitos e povos e que, portanto, merecem atenção. A construção da história de cada sujeito é singular, dinâmica e muitos elementos são significativos neste processo, permitindo o entendimento de que estes caminhos metodológicos possibilitaram aos imigrantes um espaço de voz ativa, à medida que narraram abertamente suas experiências. Deste modo, o estudo aqui descrito busca analisar, a partir de histórias de vida, o trajeto, a chegada, a inserção local de haitianos residentes em São Miguel do Oeste.

Cabe considerar ainda que a imigração haitiana para o Brasil e dentro do país é dinâmica e que, portanto, enquanto estas reflexões foram tecidas muitas características deste fenômeno transformam-se.

## 2 CAMINHO METODOLÓGICO

O método adotado para percorrer o objetivo da pesquisa foi o qualitativo, com a coleta de informações por meio da história de vida. Partiu-se pressuposto de que cada pessoa configura uma identidade pessoal a partir de suas relações sociais. Cada um apresenta uma história de vida, um projeto de vida, não apenas visto como reprodução do que é dado culturalmente, mas como possibilidade de mudança e, portanto, de futuro não reproduzido (CIAMPA, 1987).

A história de vida, trabalha com a estória ou o relato de vida, narrada por quem a vivenciou. Cada história individual apresenta valores, cultura e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. Trata-se de uma busca necessariamente histórica, em que a espacialidade, temporalidade e sociabilidade estão implicadas dialeticamente e, por conseguinte, não se ampara em um roteiro de entrevista rígido a ser seguido, pois com cada pessoa e, em cada encontro, haverá informações e conhecimentos em um processo acumulativo, que resulta de reflexões do pesquisador e do pesquisado sobre o tema (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Desse modo, quando uma investigação prioriza a informação do entrevistado, a aproximação do pesquisador dos pesquisados precisa ser construída por meio de uma relação de confiança. O ambiente torna-se a fonte direta dos dados e o pesquisador, seu principal instrumento. (SPINDOLA; SANTOS, 2003).

Participaram desta pesquisa três haitianos residentes em São Miguel do Oeste no momento da pesquisa, a quem atribui-se os nomes fictícios de Louis, Rose e Joseph. A entrevista ocorreu a partir de contato prévio já existente entre pesquisadores e participantes.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as entrevistas foram realizadas na residência dos imigrantes, gravadas em áudio e transcritas integralmente. Tendo em vista a dificuldade com o idioma português, realizou-se a correção gramatical das transcrições, preservando-se o sentido da fala do entrevistado.

O conteúdo coletado por meio das três histórias de vida foi organizado a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011, p 47), entendida como: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. A análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: a pré-análise consiste na fase de organização, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar ideias iniciais, nesta fase são estabelecidos *a priori* os documentos suscetíveis a fornecer informações sobre o problema levantado; a exploração do material, trata-se de uma transformação dos dados brutos do texto, que permite atingir uma representação do conteúdo suscetível e esclarecedor; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação, nesta fase os dados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos, permitindo estabelecer os resultados, os quais condensam as informações fornecidas pela análise. Os achados da pesquisa foram divididos em duas categorias centrais às narrativas de histórias de vida dos participantes: “o trajeto” e a “inserção local e recomeço em São Miguel do Oeste”.

Seguiu-se os preceitos éticos das diretrizes da Resolução n. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), cumprindo as exigências da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP), com aprovação conforme CAAE de número 60915916.6.0000.5367 e parecer de número 1.823.382.

## 3 OS ACHADOS DA PESQUISA: ENCONTROS COM HISTÓRIAS DE VIDA

### 3.1 LOUIS, ROSE E JOSEPH: TRÊS IMIGRANTES HAITIANOS DENTRE MILHÕES

Se, na imensidão dos números de imigrantes que se deslocam a todo momento e em todo o mundo, estes participantes são apenas um, dois ou três na estatística, aqui eles são o Louis, Rose e Joseph. Entende-se que ao se reservar este espaço para caracterizá-los, permite-se que suas identidades sejam valorizadas, inclusive os aspectos que não foram possíveis de captar nesta pesquisa, como parte da história de vida precedente à migração.

Louis, é casado, tem 32 anos de idade e 5 filhos. Reside junto a esposa (Rose), um dos filhos e o irmão. Os quatro filhos mais velhos moram no Haiti. Chegou ao Brasil e em São Miguel do Oeste em 2013. Começou trabalhando como servente de pedreiro em uma empresa e, hoje, desempenha a função de pedreiro.

Rose, é casada com Louis, tem 32 anos e 5 filhos, sendo que 4 estão morando no Haiti e uma no Brasil junto a ela. A filha que mora com Rose é a mais nova e nasceu no Brasil. No Haiti trabalhava como costureira, no entanto, após o terremoto, as condições de vida se estruturaram muito precárias. São Miguel do Oeste foi a única cidade que morou em terras brasileiras. No momento da entrevista trabalhava como camareira em um hotel da cidade, há quase um ano.

Joseph, 29 anos, possui união estável e é pai de uma filha de dois anos e seis meses que nasceu no Brasil. Sua companheira e filha residem com ele em São Miguel do Oeste. Joseph tem 4 irmãos, sendo que dois deles também migraram para o Brasil e no momento da pesquisa trabalhavam em uma agroindústria na cidade de Xaxim. Os pais vivem no Haiti e não pretendem se mudar para o Brasil. Atualmente, está cursando Letras, trabalha na construção civil durante o dia e como professor de língua francesa em uma escola de idiomas a noite. Está no Brasil desde 2013.

### 3.2 O TRAJETO: DO HAITI A SÃO MIGUEL DO OESTE

Fenômenos migratórios são compreendidos por Sayad (1998) como “fatos sociais completos”, por conta da complexidade e por envolver um vasto e diverso itinerário epistemológico. As migrações podem ser analisadas pela ótica da história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia, antropologia, linguística e sociolinguística, ciência política, dentre outros campos do conhecimento. Portanto, estudar as migrações é considerar as diversas áreas que contribuem para sua compreensão.

A complexidade das migrações está no fato de serem multideterminadas “pelos aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e eventuais da terra da qual se parte; relaciona-se com o percurso engendrado até a chegada ao destino, nem sempre escolhido, desejado e coerente com aquilo que se esperava encontrar.” (BARROS; MARTINS BORGES, 2018, P. 159).

O Brasil tornou-se possibilidade para a imigração de haitianos somente a partir de 2010, por eventos climáticos já mencionados. Até este ano, Estados Unidos e países da Europa mantiveram-se como os principais países de destino dos haitianos. Cabe considerar que, para além das questões climáticas, a emigração do Haiti é cultural, integra a identidade dos haitianos e haitianos. A emigração justifica-se pelas dificuldades econômicas e a vulnerabilidade social encontradas no Haiti, entendidas como aspectos centrais na decisão de migrar (HANDERSON, 2015).

A entrada de imigrantes haitianos no Brasil tem ocorrido pelas fronteiras terrestres e pelos aeroportos. Aqueles que chegaram no país pelos aeroportos já possuíam o visto de permanência, emitido na embaixada do Brasil no Haiti. Entretanto, por vias terrestres, as dificuldades de obtenção no visto são frequentes, “a fronteira tornou-se o espaço da imigração haitiana em busca do visto não recebido no Haiti” (BAENINGER; PERES, 2017, p. 130).

Sendo assim, muitos haitianos realizaram uma rota que uniu parte do trajeto de avião (do Haiti até algum país da América Latina) e parte terrestre (até a fronteira com o Brasil). De acordo com o Sistema de Tráfego Internacional (STI), entre 2010 a 2015, foi registrada a entrada no Brasil de 40.650 haitianos pelos aeroportos e 44.361 pelas fronteiras terrestres (BAEINGER; PERES, 2017).

O valor financeiro para a viagem tende a ser um fator dificultador do processo, o que foi mencionado pelos participantes:

“É muito difícil. Para sair de Haiti e chegar no Acre, eu acho que gastei 8 mil reais. Primeiro eu paguei uma pessoa para comprar passagem, gastei mais ou menos 1.800 dólares. Quando cheguei no Equador, tinha que ter mais dinheiro, paguei 15 dólares pra pegar ônibus. Quando cheguei no Peru, tive que pagar para poder passar [e seguir viagem]. É bem complicado para chegar.” (Rose). (informação verbal).

“Não tem avião do Haiti até o Brasil. Para vir pra cá tem que passar em vários países: República Dominicana, Equador, Peru e daí que chega no Brasil. E, às vezes, quando você está viajando tem que ter dinheiro, por isso o gasto fica mais.” (Joseph). (informação verbal).

Rose representa o contingente de mulheres que percorreram a rota migratória Brasil-Haiti. Em sua grande maioria, as haitianas fizeram esse trajeto na sequência de seus familiares e amigos. Nesta direção, conforme Pessar e Mahler (2003), as mulheres imigrantes costumam seguir a rota já percorrida por pessoas conhecidas e acessam mais as redes de apoio e de informações disponibilizadas para o planejamento de toda a viagem – saída do país, trajeto e chegada no destino.

Os participantes desta pesquisa relataram a ausência de apoio governamental para a vinda do Haiti ao Brasil, bem como de governos dos outros países que passaram. A falta que sentiram refere-se a ações simples que poderiam ser facilitadoras no trajeto, como documentos emitidos com maior agilidade, segurança, hospedagem e alimentação no decorrer do trajeto. Martine (2005) considera ser emergencial a criação de medidas transnacionais para reduzir as dificuldades no trajeto ocasionadas pelas migrações.

Representando essa dificuldade no trajeto, Joseph entrou no Brasil pela fronteira de Brasília e aguardou nesta cidade aproximadamente 15 dias seus documentos ficarem prontos. Enquanto aguardava os documentos ficarem prontos em Brasília, Joseph foi contratado por uma empresa de São Miguel do Oeste: “têm algumas empresas daqui que foram fazer entrevista. Você faz uma entrevista e exames, se você passar, você tem a oportunidade de vir junto com a empresa. Do Acre até aqui, de ônibus, a gente levou 5 dias, dia e noite [de ônibus].” (informação verbal).

Louis também entrou no Brasil pela fronteira de Brasília. No entanto, o trajeto para chegar a São Miguel do Oeste foi diferente. Louis relatou que saiu de Brasília e foi para Porto Velho, desta cidade foi para São Paulo. Em São Paulo, trabalhou oito dias para conseguir dinheiro e viajar para Chapecó. Soube de Chapecó por meio de um amigo que conheceu em Brasília e que estava convidando pessoas para trabalhar na mesma empresa que ele. Em Chapecó, trabalhou vinte e dois dias, até seu chefe lhe enviar para trabalhar em São Miguel do Oeste. Após conseguir um pouco de dinheiro, comprou a passagem para a esposa que estava no Haiti vir para o Brasil.

Esta rede de contato entre os imigrantes haitianos é determinante para os fluxos migratórios internos no país. Assim, conforme Magalhães (2017, p. 193), aqueles “que já migraram dão referências positivas do lugar àqueles que ficaram no Haiti ou estão em outro país, os incentivando a migrar a Santa Catarina e construindo, com isto, uma rede de relações pessoais, sociais e laborais na qual o migrante se inserirá”.

Até 2011 não haviam haitianos em Santa Catarina. Em 2012 havia 75 haitianos. E, em 2013, este número saltou para 1.281. Portanto, em um curto período de dois anos “deixaram de ser desconhecidos para virar o grupo mais numeroso. Os haitianos representam, no estado de Santa Catarina, 29,3% dos estrangeiros com vínculo formal de trabalho em 2013” (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI, 2014, p. 71). Em 2014, para Magalhães (2017), Santa Catarina era o Estado que havia recebido o maior número de pessoas imigrantes haitianas, comparados a outros Estados do país.

O estado de Santa Catarina aparece em destaque em diversos estudos como um dos mais procurados pelos imigrantes haitianos (RISSON; DAL MAGRO; LAJUS, 2017; MAGALHÃES, 2017; COSTA, 2016). Costa (2016, p.42), referindo-se aos haitianos que estavam em Manaus, registrou que “uma coisa é certa, o Estado de Santa Catarina era o que mais estava na boca dos viajantes”. Sendo assim, as empresas com ofertas de vagas e a rede de contato dos imigrantes foram determinantes nos fluxos migratórios de haitianos dentro do Brasil, especialmente para cidades interioranas no Sul do Brasil, que não possuem a visibilidade nacional como, por exemplo, as capitais.

### 3.3 INSERÇÃO LOCAL E RECOMEÇO EM SÃO MIGUEL DO OESTE

Estar fora de seu país de origem, coloca as pessoas em uma condição de imigrante, que pode ser definido como “essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. (SAYAD, 1998, p. 55). Embora os imigrantes, em qualquer país, sejam vistos como forças de trabalho barata, faz-se necessário avançar nesta discussão e reconhecê-los como sujeitos integrais e não apenas pela ocupação que desempenham (SAYAD, 1998; SASSEN, 2011).

A cidade de São Miguel do Oeste entrou no circuito da imigração haitiana para o Brasil a partir de 2013, quando uma indústria da área da construção civil, fez o mesmo que outras indústrias da região, foi até a cidade de Brasília (Acre) e contratou 16 imigrantes. Esta característica é representada na fala de Louis:

Quando chegamos aqui [em São Miguel do Oeste] tinha bastante serviço. Faltava servente para trabalhar na construção, porque é um serviço muito pesado e não são todas as pessoas que ficam muito tempo trabalhando. A empresa precisava de pessoa pra trabalhar, foi lá *no Acre* [contratar] e pagou ônibus para pessoa vir trabalhar. (informação verbal).

A chegada de imigrantes em São Miguel do Oeste mudou a paisagem urbana e social da cidade. Esta mudança não ocorreu somente pelo fato de serem imigrantes, mas também, e cogita-se que principalmente, por serem negros. Cogita-se isso por falarmos de um movimento de imigrantes negros para uma cidade em que majoritariamente as pessoas são brancas, filhos de descendentes europeus. Magalhães, Bógus e Baeninger (2018, p. 83) sinalizam a mesma compreensão ao falarem no contexto da capital paulistana, em que vários de seus bairros foram “transformada com a chegada de novas nacionalidades e sua presença no comércio, na indústria da costura e em empreendimentos étnicos como os restaurantes e salões de beleza”.

Embora o foco desta pesquisa não tenha sido abordar as questões étnico-raciais da chegada de imigrantes nesta cidade, ela acabou sendo abordada durante a coleta de dados. Ao questionarmos sobre as experiências nesta cidade catarinense, entramos em assuntos relacionados às questões étnicas-raciais e Joseph respondeu:

Acredito que o racismo está dentro da pessoa, e que foram os grandes [adultos] que ensinam. Já peguei gente falando mal de mim, quando aconteceu isso, não deixei atrapalhar meu dia. Já riscaram meu carro na porta do motorista, mas como eu não sei quem foi, não posso fazer nada.” Na fala de Rose o tema racismo também surgiu “não é só aqui [ao se referir da cidade], pra mim em todo o Brasil tem racismo. E não é só no Brasil, tem outros lugares. (informação verbal).

Observamos que o mesmo aconteceu nas pesquisas de Gomes (2017) e Barros e Martins-Borges (2018), ambas realizadas na região litorânea do estado de Santa Catarina.

Compreendemos o racismo como um fenômeno estrutural, presente em todo o mundo. No entanto, há lugares e contextos em que se torna mais evidente, como por exemplo, com a chegada de imigrantes negros em regiões na qual a população é majoritariamente branca, que é o caso do Sul do Brasil. “É como se a presença dessas pessoas, imigrantes e negras, fizesse retornar o passado sofrido de uma história silenciada, que incorporou as relações de poder dos tempos de colonização, sem nenhuma elaboração. Na impossibilidade de fazer diferente, repete.” (BARROS; MARTINS-BORGES, 2018, p. 166)

Embora o povo haitiano tenha como cultura a emigração, os que partem precisam lidar com a saudade e com uma série de mudanças vivenciadas no novo país. Dantas (2015, p. 77) compreende que a mudança de país impõe ao migrante múltiplas mudanças, e tendo que “ajustar-se a um novo local, aprender novos códigos sociais, pois sua forma de agir não mais corresponde ao entorno. O que antes era rotina torna-se um desafio diário”. Assim, emigrar, especialmente quando é de um país para outro, significa uma ruptura expressiva no que se refere às referências, sentidos e sentimento de pertencimento.

Ao ser questionado sobre como está morar em São Miguel do Oeste, Joseph responde “Eu gosto desta cidade porque é uma cidade tranquila, diferente de São Paulo. Eu gosto de paz, não gosto de ver gente sofrendo na minha frente [ao referir-se as ruas de São Paulo]”. (informação verbal).

Rose sinalizou que na sua primeira tentativa de trabalho, era preciso iniciar às cinco horas da manhã, no entanto, “*não deu para trabalhar lá*, porque tem que levar a Maria [filha] às 7h30min a creche. Não tinha como”. (informação verbal). Já na segunda tentativa, Rose obteve sucesso: “Fui no hotel. Ela pediu se sabia arrumar a cama. Disse que eu saiba. Aí ela deixou eu fazer o teste e, depois uma semana, estava com carteira de trabalho. Eu comecei a trabalhar lá, já tem um ano.” (informação verbal).

Ao ser questionado sobre as relações com os brasileiros em seu contexto de trabalho, Joseph respondeu: “Às vezes eu percebo que quando a dona da empresa está lá, as pessoas me dizem bom dia, mas quando ela não está, nem todo mundo me responde. O tratamento é diferente quando ela não está.” (informação verbal). Os entrevistados também mencionaram o apoio que receberam de leigos e religiosos vinculados a uma igreja católica da cidade.



A inserção de imigrantes no trabalho ou na comunidade é um processo atravessado por diversos fatores. No caso dos haitianos em uma sociedade majoritariamente branca, há de se considerar as questões ético-raciais já ressaltadas. Martine (2005) compreende que “à medida que as sociedades receptoras forem se despidendo de seu etnocentrismo e xenofobia, poderão também adotar medidas mais eficazes e começar a apreciar as enormes vantagens que a migração lhes traz”.

Nesta direção, para Barros e Martins-Borges (2018), a “maneira como aqueles que chegam são recebidos no país de acolhimento também impactam suas vidas.” Seja pela ótica da discriminação ou pela ótica dos impactos psicológicos, nenhuma prática de racismo ou xenofobia é promotora de saúde, bem-estar e cidadania.

Identificamos que a inserção social não se refere apenas aos imigrantes que chegaram na cidade para viver e trabalhar, mas para seus filhos, nascidos aqui ou que podem ser trazidos. Os três participantes da pesquisa informaram que possuem filhos nascidos no Brasil, sinalizando para a necessidade do diálogo e demanda sobre os aspectos interculturais. Em relação a Rose e Louis, a filha do casal é brasileira, pois nasceu no Brasil, e, no momento da pesquisa, ainda não conhecia pessoalmente os familiares que moram no Haiti. Assim, a migração acaba por impor perdas e ganhos, alterações de idioma, de normas sociais, distanciamento de famílias e, concomitantemente, a construção de uma nova identidade social no outro país (DANTAS, 2015).

Outro aspecto relacionado a família, refere-se àqueles que permanecem no Haiti. Os participantes apontam para a dificuldade ou impossibilidade dos integrantes da família que continuam residindo no Haiti migrarem para o Brasil.

Eu acho muito difícil meu pai vir [morar no Brasil]. Não tem como viver aqui, pois não ter força para trabalhar [ao se referir aos trabalhos braçais]. Vai morrer de frio [risos]. Se a pessoa que chegou há pouco tempo, não vai ter dinheiro para sustentar pai e mãe. Sobre [trazer] os filhos, vamos pensar. (Louis). (informação verbal).

Não é fácil de vir [morar no Brasil]. Precisa trabalhar muito para juntar dinheiro. Para vir tem que gastar 8 mil. (Joseph). (informação verbal).

Deste modo, as migrações, especialmente as internacionais, impõe novas dinâmicas de funcionamento nas famílias, sejam aquelas em que todos seus membros migram para um novo país, sejam aquelas em que parte dela permanece e parte migra. Assim, as migrações não causam impactos somente nas vidas dos sujeitos e contexto sociais, mas interferem inclusive na dinâmica das famílias atravessadas pela migração. (BRYCESON; VUORELA, 2002, p. 03).

Sobre as expectativas do futuro, Joseph responde que “Como eu já tenho uma menina que nasceu aqui, nosso plano é ficar. A minha ideia é onde a família mora, você precisa ficar junto.” (informação verbal). Louis, na mesma direção, disse que: “Se tiver condição de trabalhar, conseguir comprar uma casinha, quero ficar.” (informação verbal). Portanto, mesmo que a vida do migrante – da pessoa migra por busca de melhores condições – seja dinâmica, há possibilidades e chances dela permanecer em um local no novo país, desde que encontre condições de vida adequadas ou melhores que no país de origem.

## 4 CONCLUSÃO

Identificamos que a imigração de haitianos para São Miguel do Oeste foi ocasionada pela contratação destes imigrantes por empresas locais. As primeiras contratações foram realizadas na cidade de Brasiléia (Acre), porta de entrada para a maioria de haitianos que chegaram no Brasil. Além disso, a rede de contato dos haitianos contribuiu para a migração até São Miguel do Oeste.

A inserção local destes novos moradores não depende exclusivamente dos imigrantes, sendo necessário que a população nacional também os acolha. Os haitianos relataram episódios em que não se sentiram bem recebidos mas, ao mesmo tempo, reconheceram o apoio e acolhida e outras pessoas, em especial alguns colegas de trabalho e pessoas vinculadas a uma igreja da cidade.

Por fim, destaca-se que esta pesquisa abarcou um recorte em relação as migrações internacionais, sendo necessário outros estudos. Aos pesquisadores que se interessam pela temática, sugere-se estudos para compreender, por exemplo, a relação entre nacionais e imigrantes, a dinâmica da família imigrante no novo país e a inserção escolar dos filhos dos imigrantes.

## REFERÊNCIAS

- BAEINGER, R.; PERES, R. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, A. F. O.; MARTINS BORGES, L. Reconstrução em movimento: Impactos do terremoto de 2010 em imigrantes haitianos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 1, p. 157-171, 2018.
- BRYCESON, D.; VUORELA, U. **The Transnational Family**: New European Frontiers and Global Networks. Berg Publishers, 2002. 276 p.
- CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (org.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. **Cadernos OBMigra**, Ed. Especial, Brasília, 2016.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COGO, D. M.; SOUZA, M. B. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores**: migrantes no Brasil. Bellaterra: Instituto Humaitas Unisinos/Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013. 105 p.
- COSTA, G. Memória da chegada de imigrantes haitianos a Manaus, 2010- 2014: presença da Pastoral do Migrante. *In: Cadernos de Migração*. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, n. 8, 2016.
- DANTAS, S. Psicologia social e saúde: da dimensão cultural à político institucional. *In: GUANAES-LORENZI et al. Psicologia Social e Saúde: da dimensão cultural à político-institucional*. Florianópolis: Abrapso, 2015. p. 72-91.
- FERNANDES, D.; CASTRO, M. C. G. **Relatório do Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”**. Belo Horizonte: TEM/IOM-OIM/PUC Minas/Gedep, 2014.
- GOMES, M. A. Os Impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 1-11, 2017.
- HANDERSON, J. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 51-78, 2015.
- LOUIDOR, W. E. **Haiti por si**: a reconquista da independência roubada. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013. p. 12-44.
- MAGALHÃES, L. F. A. **A imigração haitiana em Santa Catarina**: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. Tese (Doutorado em Demografia) – Departamento de Demografia, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2017.
- MAGALHÃES, L. F. A.; BÓGUS, L. M. M.; BAENINGER, R. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de são paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 26, n. 52, p. 75-94, 2018.
- MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo Perspec*, v. 19, n. 3, p. 3-22, 2005.
- PESSAR, P.; MAHLER, S. Transnational migration: bringin gender. *In: International Migration Review*, v. 37, n. 3, p. 812-846, 2003.



- RAMOS, É. P. **Refugiados ambientais**: em busca de reconhecimento pelo direito internacional. 2011. 150 f. Tese (Doutorado Direito Internacional) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RISSEON, A. P. **Cartografia da atenção à saúde de imigrantes haitianos residentes em Chapecó – SC**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Chapecó, 2016.
- RISSEON, A. P.; DAL MAGRO, M. L. P.; LAJÚS, M. L. S. Imigração e trabalho precário: reflexões acerca da chegada da população haitiana no oeste de Santa Catarina. **Périplos**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 144 – 152, 2017.
- SASSEN, S. Dos enclaves en las geografías globales contemporáneas del trabajo. *In*: ARAGONÉS, A. M. (org.).  **Mercado de Trabajo y migración internacional**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Económicas, 2011.
- SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.
- SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, n. 2, 119-126, 2003.
- TOPA, J.; NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Imigração e saúde: a (in)acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 328-341, 2013.
- ZENI, K.; FILIPPIM, E. S. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. **Pretexto**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 11 – 27, abr./jun. 2014.

